

* A GAZETA EDUCATIVA *

* INVENTA, MAS NÃO AUMENTA *

ANO I

Uma publicação do Núcleo Educativo do Museu da Imigração

Olá, queridos leitores!

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo abriu para seu público no dia 14 de novembro de 2015 a exposição temporária 'Imigrantes do Café', fruto de um projeto de curadoria compartilhada com o Museu do Café, em Santos. A exposição, que ficará em cartaz até 28 de fevereiro de 2016, apresenta histórias e memórias da imigração nas lavouras cafeeiras no estado de São Paulo durante o período da Grande Imigração.

Com o intuito de auxiliar o professor no antes, durante e depois da visita à exposição 'Imigrantes do Café', o Núcleo Educativo do Museu da Imigração

elaborou esta *Gazeta Educativa*, que inventa fatos e notícias que poderiam ser verdadeiras, pensando em ambientar o visitante na atmosfera da *Belle Époque* paulista (1870-1929), enfatizando a cultura do café e o seu impacto político, social e econômico. O professor pode utilizar os textos como preparação para a visita e material de apoio para as aulas, inclusive incentivando os alunos a explorarem o gênero jornalístico como resultado final de um projeto de visita ao Museu da Imigração.

O percurso da exposição 'Imigrantes do Café' se apresenta como um ciclo que inicia e encerra no porto: o

porto como local de chegada de imigrantes, que são recebidos, acolhidos e encaminhados para o trabalho pela Hospedaria de Imigrantes do Brás; o seu cotidiano no campo e trabalho na fazenda; até o fechamento do ciclo no embarque do café para exportação, novamente tendo como lugar o porto.

A exposição conta com fotografias, objetos, textos e depoimentos, todos selecionados em conjunto entre as duas equipes dos museus, que dividiram a pesquisa, curadoria e comunicação museológica, em uma parceria inédita. Ao todo, são 17 objetos museológicos, 21 itens dos acervos iconográficos, 21

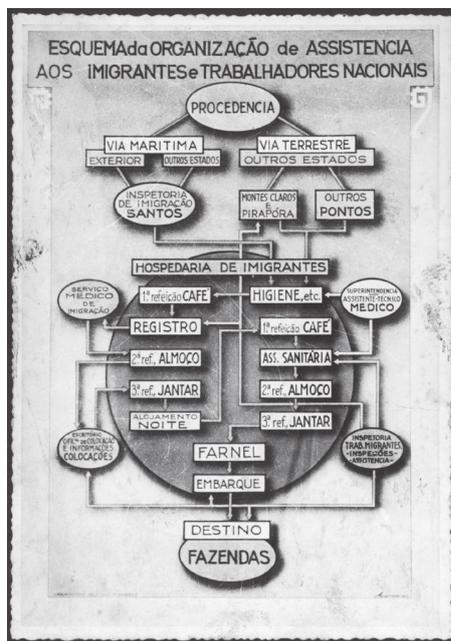
imagens – sendo nove gigantografias (fotos em formato grande) –, além de áudio ambiente com trechos de depoimentos de história oral, que também estão transcritos.

Esperamos que este material seja útil para o professor no planejamento de sua visita ao museu, e nos colocamos abertos para sugestões, depoimentos, elogios e críticas, buscando a excelência do trabalho e o estreitamento dos laços entre museu e escola.

Boa leitura!

Equipe do Núcleo Educativo do Museu da Imigração

É ABERTA A AGÊNCIA OFICIAL DE COLONIZAÇÃO E TRABALHO



FONTE: ACERVO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

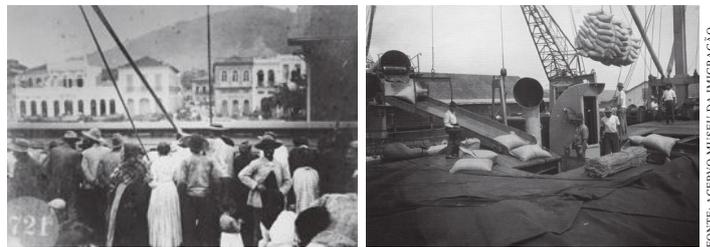
Em março de 1906 começa a funcionar a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, instalada em prédio especialmente construído junto da Hospedaria de Imigrantes. Foi instituída pelo dr. Botelho, secretário da Agricultura, para favorecer a colonização e auxiliar e proteger seriamente os imigrantes e, em geral, a todos os que trabalhavam na lavoura.

A Hospedaria dos Imigrantes, criada a fim de atender este contingente de trabalhadores do campo, funciona no esquema de organização acima. O tripé criado por nossos governantes se baseia

na recepção, triagem e encaminhamento. Ao chegar à Hospedaria, o imigrante é encaminhado ao salão de chamada, onde ele deve esperar para que seu nome seja chamado para a conferência de seus dados. Isto feito, ele recebe o cartão de rancho para suas posteriores refeições.

Além do serviço de refeições, a Hospedaria também oferece serviços de alojamento, e do controle médico-sanitário. Este último é fundamental, ainda mais ao lembrarmos da triste necessidade de fechamento da nossa antiga hospedaria no bairro do Bom Retiro, devido a uma epidemia de cólera. ■

CAFÉ IMIGRANTE



FONTE: ACERVO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

As lavouras de café impulsionaram a vinda de um grande número de migrantes para São Paulo, animados com as promessas de emprego no campo e com o crescimento econômico do estado. Pelo mesmo Porto de Santos entram os imigrantes e saem toneladas de sacas de café para exportação.

Assim como os migrantes, o café também vem de longe: sua origem é na Etiópia, país situado no continente africano. O café é até hoje utilizado em rituais na Etiópia, mas foi a Arábia a responsável pela propagação da cultura do café.

A partir do século XVII o café começou a ser saboreado no continente europeu, trazido por viajantes em suas frequentes viagens ao oriente, mas até então somente os árabes produziam café.

Foram os holandeses que conseguiram as primeiras mudas de café e realizaram plantações experimentais. Logo o café se tornou uma das bebidas mais consumidas no velho continente, passando a fazer parte dos hábitos dos europeus. O café era bastante apreciado por conta de suas propriedades estimulantes e até como digestivo, qualidades que superaram o preconceito de sua origem mulçumana. Esta experiência de suces-

so e lucro fez com que outros países tentassem o mesmo, se disseminando para outras colônias europeias.

O crescente mercado consumidor europeu propiciou a expansão do plantio de café em países africanos e a sua chegada ao Novo Mundo. Pelas mãos dos colonizadores europeus, o café chegou ao Suriname, São Domingos, Cuba, Porto Rico e Guianas. Foi por meio das Guianas que chegou ao norte do Brasil, no início do século XVIII.

No final do século XVIII o primeiro arbusto chega ao Rio de Janeiro, cultivado apenas como planta ornamental, não despertando o interesse dos senhores de terra, ocupados com o cultivo da cana-de-açúcar. Aos poucos, a cidade cobriu-se de cafezais.

Com o declínio da mineração em Minas Gerais e do cultivo de cana-de-açúcar no nordeste e Rio de Janeiro, aliados a demanda do mercado externo tornando o negócio rentável, abriu-se a possibilidade de introdução da cafeicultura no sudeste do Brasil, utilizando no início a mão-de-obra escrava.

Com a abolição da escravidão, o estado de São Paulo, aliado aos barões do café, montou uma estrutura de pro-

paganda, subvenção e acolhimento de imigrantes, principalmente europeus, que em São Paulo são recebidos pela Hospedaria de Imigrantes do Brás. A vinda de imigrantes europeus para São Paulo tinha também outro propósi-

to: o desejo de embranquecer a sociedade brasileira. Os africanos traficados para o Brasil foram marginalizados e passaram a habitar as periferias da cidade, sem conseguir se integrar no mercado de trabalho. ■

CORRIDA CONTRA O ANALFABETISMO

Depois de tantas idas e vindas na discussão sobre o ensino e o acesso das classes menos favorecidas à escola, São Paulo entra no século XX na corrida contra o analfabetismo.

Marcada pelo esquecimento e descaso, o histórico da educação no Brasil não nos dá esperança de um futuro promissor. Até o fim do século passado o Brasil dispunha de pouquíssimas escolas públicas; todas em edifícios inadequados, com recursos financeiros e pedagógicos escassos e profissionais totalmente despreparados. Além de todos esses fantasmas estruturais que assombraram a educação desse país desde o período colonial, a incapacidade do império de organizar e sistematizar os cursos, impede hoje, que quase 70% da população brasileira leia esse jornal.

Os rumos em São Paulo não foram diferentes. A própria Escola Normal Caetano de Campos, hoje tida como modelo para as escolas do estado, passou por tempos difíceis. Refêm da falta de recursos, a escola passou por inauguração e reinaugurações após seu fechamento por falta de verbas. A reputação das escolas paulistas não era das melhores. Em relatórios do presidente da província em 1855, ele declara: “o que há ali é análise gramatical, algumas operações de aritmética, certas explicações de religião e principalmente a lógica e a leitura tão superficial que em nada se aproveita”.

A tempestade de reformas propostas pelas autoridades brasileiras só

demonstrara seu distanciamento da realidade escolar. Com medidas estereis na disputa ideológica entre dirigentes, proporcionaram à educação nada além de confusão administrativa e abdicação de culpa e responsabilidades. Enquanto isso, nossas escolas sambam na chuva tentando desviar dos granzos da burocracia.

Hoje, apesar das contradições republicanas e da clara manipulação ideológica no currículo escolar, há uma faísca de esperança que nasce pelo incentivo ao ensino para que a população exerça a cidadania.

Com o crescimento populacional e urbano no estado de São Paulo veio também as primeiras batalhas contra o analfabetismo “democratizando” o ensino primário a pobres, filhos de operários, ex-escravos e imigrantes.

Ainda há muito que caminhar para que contemos histórias de vitória. E para isso, não podemos mais nos omitir no debate sobre a educação pública e na luta contra seu legado de avanços e retrocessos.

Sugestões para o professor

É possível discutir com os alunos questões como organização escolar e sistematização do ensino público e privado no Brasil, bem como determinação de currículos escolares. Que tal estabelecer comparações entre o ensino do início do séc. XX e o de hoje. O que mudou?

CANTINHO DA POESIA

DUPLA JORNADA

Quem é essa mulher
Ainda que longe de sua morada
Perdida, cansada
Que tem nas costas,
o peso dessa caminhada
Traz consigo suas crianças de
colo ou na barra de sua saia.
E em sua posição subalterna
De ser por um homem controlada
E não se acostuma em ter suas
obrigações por eles vigiadas
Chefe da família ou
senhor da fazenda
Colocam em sua mão
o peso da enxada
E na outra as obrigações
de sua casa
Olha os pequenos,
Comida quente, roupa lavada
Encontra na lavoura
a segunda jornada
A mão que colhe o grão
Limpa, seca e separa
É a mesma que o coloca
quente na mesa do patrão.



Aline Oliveira

MÚSICA - OUTRAS BOSSAS



Atendendo ao pedido da nossa leitora Janete Dias da Silva, separamos as canções mais baladas do momento, que estão agitando os bailes e as festas de todo o Brasil!

E mais! Uma bela canção internacional que está sacudindo o esqueleto de toda a moçada! Continue mandando as suas cartinhas para a gente!

- 01 Idalina - Conjunto Typico Brasileiro (1930)
- 02 Noel Rosa
São coisas nossas (1932)
- 03 Escovando
Ernesto Nazareth (1930)
- 04 A Vida é um Buraco
Pixinguinha (1930)
- 05 A Casinha Pequeninha
Bidú Sayão (1931)
- 06 Adeus Batucada
Carmen Miranda (1935)
- 07 Capelinha de Melão
Elisa Coelho (1930)
- 08 Fita Amarela
Francisco Alves & Mário Rei (1933)
- 09 Alvorada
Trio de Ouro (1934)
- 10 Oh Johnny
Bonnie Baker (1939)

CACA-PALAVRAS

B	H	J	U	I	Y	E	C	T	F	M	C	F	I	C	D
E	V	T	Q	S	G	P	L	V	A	O	F	E	M	R	B
S	D	R	S	T	G	J	V	O	M	G	R	C	I	L	T
A	S	I	T	O	I	D	Y	E	Í	R	E	U	G	C	R
M	K	F	V	Y	N	V	G	P	L	O	B	L	R	G	A
R	E	I	G	E	R	H	M	J	I	M	H	T	A	A	B
T	R	M	U	C	R	E	O	D	A	E	S	U	Ç	S	A
U	A	G	Ó	D	L	S	T	S	G	F	Z	R	Ã	A	L
E	N	A	L	R	V	O	I	D	I	O	M	A	O	U	H
I	D	E	N	T	I	D	A	D	E	Y	E	B	N	D	O
E	A	T	Q	S	G	A	L	A	A	N	D	M	F	A	E
S	E	R	E	T	M	J	S	R	D	D	O	I	G	D	Z
E	D	R	T	G	V	O	F	R	R	E	E	E	R	E	H
C	A	F	É	E	R	U	E	V	I	A	G	E	M	T	J
R	E	X	I	Z	E	C	T	S	D	A	X	E	F	A	T

sofros, cultura, idioma, família, trabalho, diversidade, migração, identidade



Os automóveis foram responsáveis por diversos acidentes no início do século XX na cidade de São Paulo. A charge apresenta uma visão de como seria o futuro caso o problema não fosse resolvido.

LA LIGURE BRAZILIANA
O vapor italiano de 1ª CLASSE
RE UMBERTO
Esperado no dia 10 de agosto, a partir de SANTOS no dia 12 e ao RIO no dia 15 para
GENOVA E NAPOLI
Para passageiros de terceira classe larã condução gratuita para BORDE
Para passagem, consulte informações tratadas com os
AGENTES:
S. Paulo: **João Briccola & Gatti**
17 A RUA JOÃO ALFREDO 17 A
SANTOS--A. Fiorita & Comp. rua S. Antonio, 48,
RIO DE JANEIRO
A. Fiorita & Comp., rua Primeiro de de Março, 37.

Para V.S. que anseia pelo melhor acordeom, nós temos
Mariano Dallape & figlio
Adquira o seu em consulta com um de nossos representantes
CASA Paganini
Instrumentos musicais desde 1900
Rua XV de Novembro, 511 São Paulo - Centro
produzidos artesanalmente pela famosa
STRADELLA - ITÁLIA

MOVIMENTO NEGRO

Por muito tempo imaginamos que a abolição da escravidão permitiu, de alguma maneira, que o negro brasileiro pudesse transformar sua existência social e encaixar-se como pleno cidadão, com todos os direitos que lhe seriam garantidos enquanto tal. Entretanto, esta liberdade não significou uma real ruptura com as estruturas sociais anteriores. Os negros foram lançados ao esquecimento e à miséria absoluta. Foram marginalizados e excluídos não só do direito a cidade, mas também de qualquer política pública que visasse a sua integração na sociedade brasileira.

Passando o impacto da liberdade, começam a surgir na segunda década do século XX, associações e grupos com o objetivo de combater o preconceito e a discriminação racial. A organização dos negros em associações foi de extrema importância no combate não só à segregação, mas também, para que eles fossem inseridos em organizações sociais que, até hoje, são representadas por cidadãos majoritariamente brancos. Com a proposta de denunciar, de enfatizar seus desejos, de refletir sobre a sua condição, de mostrar suas manifestações culturais e sua vida social, surge uma imprensa alternativa, que estava diretamente ligada ao movimento negro, nomeada de Imprensa Negra Paulista.

Em 1915 surge o jornal Menelik, seu intuito não era só de aproximação com a sociedade branca, mas também de inserir o negro como parte integrante da história e da sociedade brasileira. O apogeu da imprensa negra acontece em 1923, com a fundação do jornal O Getulino, seguido da criação do jornal, O Clarim da Alvorada de 1924. Estes periódicos passam a reforçar a vontade da comunidade negra de se integrar a

sociedade, buscando a legitimação de seus direitos como cidadãos.

A luta e as reivindicações não cessaram, e em 1930 surge a Frente Negra Brasileira. Com um propósito mais classista, objetivava integrar o negro na estrutura de classe. Ser bem sucedido no trabalho e nos estudos, seguido pela acumulação de bens materiais. Essa foi a forma encontrada pela Frente Negra, para que o negro fosse “bem aceito” socialmente. Essa organização também elabora um jornal de nome, Voz da Raça, com traços ideológicos e políticos. Em 1936 a Frente Negra Brasileira transforma-se em partido político, após muitas discussões sobre a necessidade ou não de criar um partido negro no Brasil. Para a Constituição brasileira, não havia distinção entre negros e brancos, logo, todos somos iguais perante a lei. A criação de um partido negro somente enfatizaria a diferença.

Anos se passaram e a situação dos negros no Brasil não teve grandes avanços, ainda são marginalizados, vivem em regiões periféricas, fazem trabalhos sem grande prestígio social. Sofrem com a violência policial, com o genocídio da juventude negra e com o crescente aumento do número de homicídios entre as mulheres negras. Ainda são obrigados a se embranquecerem para serem aceitos, sofrem com o esquecimento e apagamento de suas heranças culturais. ■

Sugestões para o professor

Qual é a situação do negro no Brasil, hoje? Por que a sociedade o discrimina?

OPINIÃO

O VAGABUNDO

O dia inteiro pelas ruas anda.
Enxovalhando, roto indiferente:
Mãos aos bolsos olhar impertinente,
Um machucado chapéuzinho a banda.
Cigarro à boca, modos de quem manda,
Um dandy de misérias alegremente,
A procura ocasião somente
Em que as tendências bélicas expanda
E tem doze anos só! Uma corola
De flor mal-desabrochada! Ao desditoso
Quem faz a grande, e peregrina esmola

De arranca-lo a esse trilho perigoso,
De atira-lo p'ra os bancos de uma escola?!
Do vagabundo faz-se o criminoso!...
Outubro de 1898



Charge da semana ilustrada 1867

COLUNA SOCIAL



Os pintores Pablo Picasso e Moses Kisling, juntamente a Paquerette, no Café de la Rotonde, em Paris.

Nosso correspondente internacional, o artista e educador progressista Conrado Secassi, que neste exato momento encontra-se em Paris, enviou-nos por intermédio do telégrafo as mais recentes novas a respeito da coqueluche de ideias ocasionada pelo café importado do Brasil.

Nos bairros parisienses de Montmartre e Montparnasse, localizam-se os famosos cafés franceses, que tanto vêm pautando as novas ideias nesta primeira década do século. São celeiros de políticos, cientistas, sociólogos, pintores, poetas e interessados pelas ideias em geral, que creem que a bebida do café lhes estimula as propriedades da Razão e da imaginação.

No entanto, muito poucos sabem a procedência deste café. Provavelmente, todos os grãos torrados que ali estão são de origem brasileira. Neste ano de 1910, 74% do café importado pelos europeus e norte-americanos vinha das lavouras do sudeste do Brasil.

Encontramos o senhor Pablo Picasso, artista em ascensão, que gentilmente se dispôs a dar-nos um depoimento. Di-lo:

“Nossa nova musa inspiradora não é uma mulher ou deusa antiga, mas sem dúvida um grão duma planta. Quantos quadros não venho pintando, noites a fio, com a companhia de uma xícara de café?”

Sugestões para o professor

A matéria jornalística enfatiza o papel da bebida do café como estimulante para as ideias e para o exercício intelectual. Até hoje, quando queremos nos manter acordados ou quando pretendemos dormir mais tarde em função de um trabalho intelectual, pensamos logo em tomar uma xícara de café. Desta maneira, os cafés parisienses são encarados como os locais aonde as novas ideias circulavam, e praticamente podemos supor que grande parte dos movimentos vanguardistas europeus tiveram ali a sua gestação. Atividades relacionadas às aulas de Artes podem simular uma cafeteria entre os estudantes, para que eles também possam criar ou formular seus movimentos vanguardistas; da mesma maneira, nas aulas de Matemática, é possível pensar num exercício de porcentagem, considerando o dado fornecido na matéria. Nesse sentido, seguem os dados: em 1910, do total de café importado pelos países europeus e nos Estados Unidos, numa quantia de 14.350 sacas de 60kg, 74% deste montante era proveniente do Brasil, num número de 10.653 sacas.

Sugestões para o professor

As crianças pobres, imigrantes ou não, nesta época passavam por muitas dificuldades, vagando pelas ruas e cometendo pequenos delitos, sendo estas presas. Seus destinos eram diversos: Institutos disciplinares, que eram fundados por congregações religiosas, e o trabalho agrícola. Além do trabalho na lavoura, as crianças tinham aulas de instrução militar completa, com manejo de armas e exercícios de combate.

Pensando nesta situação, pode-se propor uma roda de conversa com os alunos, onde eles possam discutir as diferentes visões de infância, analisando os direitos que as crianças têm hoje, comparando com a situação desta época:

Malvina de Souza – 12 de outubro de 1899.

UM RAPAZOLA CANTANTE CHAMADO DITO

Em diversas ocasiões, na redação de nosso jornal, ouvíamos a voz de um menino entoando cantorias de rica melodia, mas quando queríamos vê-lo a face, ia-se embora em meio aos transeuntes que afluíam nas ruas centrais. Certo dia descobrimos que o menino entregava marmitas e ‘quentinhas’ nas lojas, e daí lhe pedimos o nome. Disse-nos que era Dito nas ruas e Benedito em casa, e fizemos questão de que aprontasse a voz para uma cantoria à sua escolha. Cantou-nos o rapazinho Dito:

Minha cumadi, pelo amor de Deus ai / Minha cumadi, pelo amor de Deus ai / Todo dia é café / Todo dia é café / Pra carregá / Café pra carregá / E pra ponhá no carro de boi / Pra ponhá no carro de boi / Queria que a sinhá / Queria que a sinhá / Desse pra mim carregá / Um pouquim de amor / Pra simbora eu levá.

Comentou-nos que a canção fora aprendida com seu pai, um negro chamado Sebastião, nascido numa fazenda em Sorocaba. Disse ainda o rapazinho Dito: “Meu véio fazia essa cantoria quando tinha que trabaia carregando

saca de graça, diz que dava força pra carregá aquele peso todo!”.

Mostrou-nos a antiga canção de trabalho e foi-se embora apressado, dizendo que necessitava entregar as marmitas ainda *quentinhas* para outros trabalhadores. Quando perguntamos de seu pai Sebastião, disse-nos que “nunca mais vi ele”. Saiu porta afora. Ao fim, transcrevemos sua canção e pusemos abaixo seu nome: Benedito de Jesus.



Sugestões para o professor

O texto jornalístico, quase uma crônica, pode nos levar à reflexão sobre a condição do negro brasileiro nos anos subsequentes à Lei Áurea. A ausência de uma figura paterna, a situação econômica informal (o garoto estava trabalhando), a obtenção do conhecimento por meio da oralidade (a canção ouvida e apreendida), acabam por se revelar características compartilhadas por grande parte da população negra do Brasil à época. Outro aspecto passível de fala é o trabalho infantil, marca indelével de uma nação que à época não tinha qualquer preocupação com a educação universal e a garantia da escola para todas as crianças, senão para as crianças dos estratos médios e altos da população.

O ESTRANHO PRESENTE DE “MR.” CHARLES MILLER

Duas bolas de capotão, um instrumento para enchê-las de ar, alguns *uniforms* e um livro com regras para um estranho jogo de nome *football* foram os objetos trazidos pelo jovem Charles Miller, brasileiro de ascendência britânica, quando de seu retorno de uma temporada de estudos em terras inglesas. Procura difundir o jogo no Brasil, mas descon-

fiamos sobremaneira de que o *football* encontre sucesso e fortuna cá entre nós, esporte repleto de regras e propriedade quase exclusiva da cultura britânica. Nós, brasileiros, que não somos afeitos a esportes com tamanha formalidade e rígidos em seu código, não poderíamos lograr sucesso em sua prática. Teremos de descobrir uma forma.

“Mr.” Charles, agora um funcionário da *The São Paulo Railway Company* (SPR), que administra as linhas férreas que chegam do porto de Santos, organizará um team entre os ingleses que aí trabalham para uma disputa contra os funcionários da *Gas Company of São Paulo*, em disputa a ser realizada nas vastas várzeas do Carmo, defronte à freguesia do Brás, aos 14 de abril. Se apenas ingleses hão de jogar, resta saber se o jogo será “para brasileiro ver” ou, futuramente, para brasileiros jogarmos. ■

10 DE ABRIL DE 1895



COMO SE FAZ?

Plantio e beneficiamento do café

Ao nos deliciarmos com um saboroso café não fazemos ideia de todo o trabalho e tempo levados para que esta bebida chegue a xícara: derrubada da mata, plantio, trato do cafezal, colheita, beneficiamento, transporte e comercialização. Nesta matéria especial, iremos desvelar o processo do plantio e beneficiamento deste ‘ouro verde’ – como é chamado este produto tão importante para a economia brasileira.



III – Rastelo: ferramenta utilizada nas etapas de cultivo e preparação do café, como a arração (ou varrição) e viragem do café no terreiro. Os que possuem dentes mais abertos são destinados a separar as folhas e os resíduos grandes, e os com dentes mais juntos são destinados a juntar o café em pequenos montes. Acervo do Museu do Café.



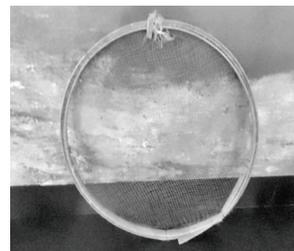
I - Saca de café de 60 kg, pronto para exportação. Acervo do Museu do Café.



IV – Vassoura utilizada para limpeza do terreiro de café. Acervo Museu do Café.

O café é plantado por meio de mudas e sementes e, no Brasil, setembro é o mês ideal para seu plantio. A primeira florada vem somente após três anos, e apenas no quarto ano se faz a colheita. De maio a agosto, os frutos, conhecidos como ‘cerejas’, são colhidos por apanhação um a um, ou por derriça, que consiste em correr as mãos pelos galhos, da base para a ponta, de maneira que as cerejas caiam numa cesta ou pano estendido no chão.

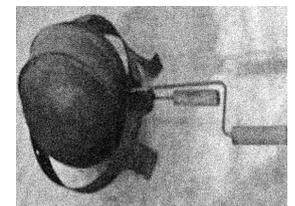
Após a colheita vem a abanação, primeira etapa do beneficiamento, que consiste num processo de limpeza do café: coloca-se parte dos grãos colhidos numa peneira e os joga para o alto várias vezes, de modo que parte das impurezas, como terra, pedras, galhos e folhas vão caindo da peneira por ação do vento.



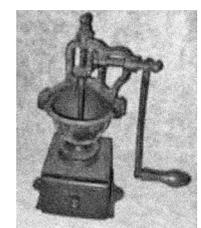
II – Peneira utilizada no processo de abanação (pré-limpeza) do café, realizado ainda no campo após a colheita. Retiram-se as impurezas como pedras, folhas e paus. Acervo Museu do Café.

Para ficarem protegidos do sereno, durante as noites os frutos são amontoados e cobertos. Depois de seco, o café é levado para a tulha, que consiste num galpão de armazenamento.

O café é então despulpado para o aproveitamento dos grãos ou sementes, processo que pode ser realizado manualmente com a ajuda de um pilão, ou automatizado, em máquinas que além de separar os grãos da casca, fazem o polimento e a ventilação. Finalmente os grãos são torrados e moídos, dando origem ao pó do café.



V - Utilizado na torra do café em ambiente doméstico. O recipiente esférico, movido por uma manivela, proporciona uma torra homogênea. Acervo Museu do Café.



VI - Equipamento destinado a moer o café torrado em ambiente doméstico. Acervo Museu do Café.

Após a lavagem dos frutos, eles são levados para o terreiro e espalhados com rolos para secar ao sol durante vários dias.

ARQUITETURA E URBANISMO: MODERNIZAÇÃO DE SÃO PAULO

JULHO DE 1911



Jardim do Palácio

fig 1. Militão A. de Azevedo. Vista da cidade a partir de XXXX, atual largo da Memória, 1862-1863; fig 2. Gaensly, Guilherme, Jardim do Palácio Pátio do Colégio, 1910; fig 3. Gaensly, Guilherme, Teatro Municipal, 1911.



Desde de sua fundação em 1554 até meados da década de 1860, a província de São Paulo era pouco desenvolvida e sua capital era o espelho de sua simplicidade em relação a cidades como Rio de Janeiro e Salvador.

A cidade de São Paulo era constituída por chácaras, casas e prédios públicos de taipa de pilão em estilo Colonial e ruas de terra (figura 1). O comércio era limitado às necessidades básicas dos habitantes. Tinha como

movimento os viajantes que vinham do litoral ou do sertão e os alunos da faculdade de direito.

Após entrar no estado pelo vale do Paraíba, o café segue para o oeste paulista e São Paulo passa a obter traços de modernidade do século XIX, como a fotografia e as ferrovias. A cidade de São Paulo foi, inicialmente, fotografada por Militão A. de Azevedo e posteriormente por diversos fotógrafos. Já as ferrovias foram instaladas para

solucionar a questão do transporte da produção de café ao porto de Santos. Em 1868, é inaugurada a linha de ferro Santos-Jundiaí, pela São Paulo Railway Co. Limited.

Ao longo da década de 1870 a capital do estado inicia um processo de substituição arquitetônica, do Colonial para o Neoclássico e o Eclético (figura 2), para equiparar-se ao Rio de Janeiro. Tanto o estilo Neoclássico quanto o Eclético seguem os padrões da ar-

quitetura Clássica (greco-romana), entretanto, o primeiro os combina com elementos renascentistas e barrocos. O segundo chega a mistura, de maneira harmoniosa, elementos clássicos com formas góticas, românicas, moura e orientais. O recém-inaugurado Teatro Municipal de São Paulo (figura 3), é um exemplo de edifício que segue o estilo Eclético. ■

ANÚNCIOS FÚNEBRES

Faleceu ontem de tuberculose aos 30 anos o senhor Paulo Dias, deixando 2 filhas e esposa tão amadas.



Veu a falecer ontem, devido tifo, deixando com grande saudade seus netos e filhos, a senhora Maria Conrado dos Santos, sendo enterrada no Cemitério da Consolação.



Bruna Medeiros vêm a público agradecer o comparecimento de amigos e parentes que compareceram à missa de sétimo dia do querido esposo Adilson Porto Bello.

CARTA DOS LEITORES



Um "paulista" em carta que nos enviou ontem diz-nos que se faz preciso que a Prefeitura de acordo com a policia, aumente a fiscalização nos bairros da Santa Efigenia, Braz, Bom retiro, Sant' Anna, pois pelos passeios de rua esses bairros a cada passo se encontram carregadores com grandes malas á cabeça, verdureiros com cestos repletos de verduras e masentes com seus armarinhos ambulantes, cyclists e até carrinhos de pão.

27/01/1915



EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado
GERALDO ALCKMIN
Secretário de Estado da Cultura
MARCELO MATTOS ARAUJO
Coordenadora da Unidade de
Preservação do Patrimônio Museológico
Renata Vieira da Motta

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

Presidente do Conselho de Administração
Roberto Penteado de Camargo Ticoulat
Comitê Executivo
Guilherme Braga Abreu Pires Filho
Eduardo Carvalhaes Jr.
Diretora Executiva
Marília Bonas
Diretor Administrativo
Thiago Santos
Gerente de Controladoria Geral
Alessandra Almeida
Gerente de Comunicação Institucional
Caroline Nóbrega
Coordenadora Técnica do Museu da Imigração
Mariana Esteves Martins

Agradecimentos

Às equipes Administrativa, Comunicação Institucional, Infraestrutura e Técnica do Museu da Imigração e do Museu do Café.

Exposição IMIGRANTES DO CAFÉ

Curadoria
Bruno Bortoloto do Carmo
Henrique Trindade Abreu
Marcela Rezek Calixto
Mariana Esteves Martins
Pietro Marchesini Amorim
Thais Klarge Minoda
Pesquisa de acervo / documental
Fernando Rocha Aguiar
Juliana Monteiro
Luciane Santesso
Conservação de acervo
Ana Beatriz Giacomini
Nasclene Ramos
Expografia e produção
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti
Design
Alexsandro Souza [dínamo]
Núcleo Educativo do Museu da Imigração
Paola Maués
Adilson M. dos Santos
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Conrado Secassi
Felipe Pontoni
Guilherme Ramalho
José Pedro S. Viviani
Juliana R. Barros
Luiz Gregório G. De Camargo
Paulo Rogerio dos Santos
Raquel Freitas